FEVEREIRO. 2020
ANO 10 NÚMERO 1

MUSEU DA REPÚBLICA

BOLETIM DO MUSEU DA REPÚBLICA E PALÁCIO RIO NEGRO

republicando

Outros carnavais no Catete

No Catete, os carnavais eram floridos de abacate e resedá

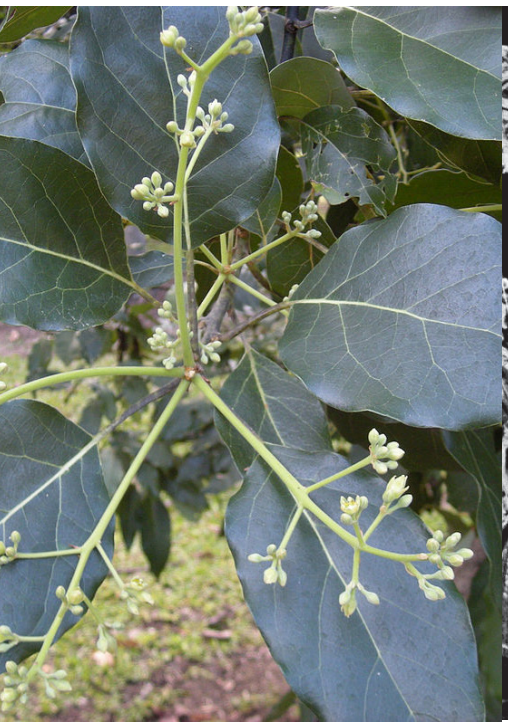
O rancho **Flor do Abacate** adotou para si o verde e amarelo, cores da flor do abacateiro *(Persea americana)* e também as da bandeira nacional. Abaixo, foliões do Flor do Abacate em 1931.

Fonte: Revista Careta.
Biblioteca Nacional Digital.

No carnaval de 1911, o Palácio Guanabara, então residência oficial da Presidência da República, foi invadido pelos alegres demônios da "Corte de Belzebu". Era esse o nome do enredo apresentado pelo famoso rancho carnavalesco do bairro do Catete, o Ameno Resedá, a convite do presidente marechal Hermes da Fonseca. Este episódio relembra o papel que a região do Catete e da Glória teve na história do carnaval carioca, numa época em que as principais manifestações populares da folia momesca eram os cordões e os ranchos, raízes das escolas de samba.

Os cordões eram uma festa popular surgida no século XIX, como versão mestiça da dança cucumbi, originária do Reino do Congo, adaptada às procissões do catolicismo da época. Eram organizados em cortejos de canto e dança, comandados pelo apito de um mestre. Sob a marcação de instrumentos percussivos, brincavam personagens como cantadores e dançarinos, palhaços, a morte, diabos, reis, rainhas, baianas e índios.

Dos cordões surgiram os ranchos, criados na Bahia, onde negros e brancos pobres combinaram festas religiosas do Sudão às folias de reis portuguesas. Essa tradição afro-brasileira chegou ao Rio de Janeiro no final do século XIX, quando a ascensão econômica da cafeicultura levou ao deslocamento da mão-de-obra do Nordeste para o Sudeste do país.



Acima, as pastoras e os diretores do **Ameno Resedá**, com as fantasias da "Corte de Belzebu" do carnaval de 1911. *Fonte: Revista Careta. Biblioteca Nacional Digital.*

Verde, grená e amarelo eram as cores do Ameno, as mesmas das flores do resedá (Lagerstroemia indica). *Fonte: Wikipédia.*

Segundo alguns historiadores, o primeiro rancho carioca teria sido o Reis de Ouro, fundado em 1893 pelo pernambucano Hilário Jovino na Pedra do Sal, região portuária do Rio. De acordo com as tradições, os ranchos só poderiam desfilar se no início do carnaval passassem pelas residências das chamadas tias baianas, figuras importantes da vida comunitária e religiosa da população negra migrada do nordeste, dentre as quais se destacava a Tia Ciata, da Cidade Nova.

Nos primeiros anos do século XX, os bairros do Catete e da Glória começaram a receber novos moradores, forçados a se mudarem do centro da cidade por causa da reforma urbana da gestão de Pereira Passos na prefeitura. Foi quando surgiram ranchos como o Flor do Abacate, do Largo do Machado; e outros como Mimoso Miosótis e Aristocráticos do Catete, todos da Rua do Catete; o Feiticeiros Encobertos e o Tira o Dedo do Aparelho, ambos da Pedro Américo.

Em 1907, durante um piquenique em Paquetá, um grupo de moradores da ladeira Santo Amaro resolveu criar um novo rancho, o Ameno Resedá, batizado em homenagem à flor do resedá, árvore típica daquela ilha. Suas cores eram o verde, o grená e o amarelo e sua padroeira era a Virgem do Outeiro da Glória. A sede do rancho na rua Correia Dutra tinha o apelido de "Palácio da Águia", uma possível referência ao Palácio do Catete, popularmente chamado "Palácio das Águias". O verde e amarelo Flor do Abacate era seu grande rival.

Os ranchos diferenciavam-se dos cordões por serem mais organizados e refinados, estética e musicalmente. Em sua formação, apresentavam porta-bandeira e mestres de coreografia (mestre-sala), harmonia e canto. O ritmo que animava os desfiles era a marcha-rancho, mais pausada que o samba e tocada com instrumentos de corda e sopro, sem a percussão marcante típica dos cordões. Como era costume no carnaval da época, o repertório dos ranchos também incluía trechos de óperas, choros, tangos e valsas. Além do carnaval, os ranchos promoviam animados bailes em seus salões ao longo do ano.

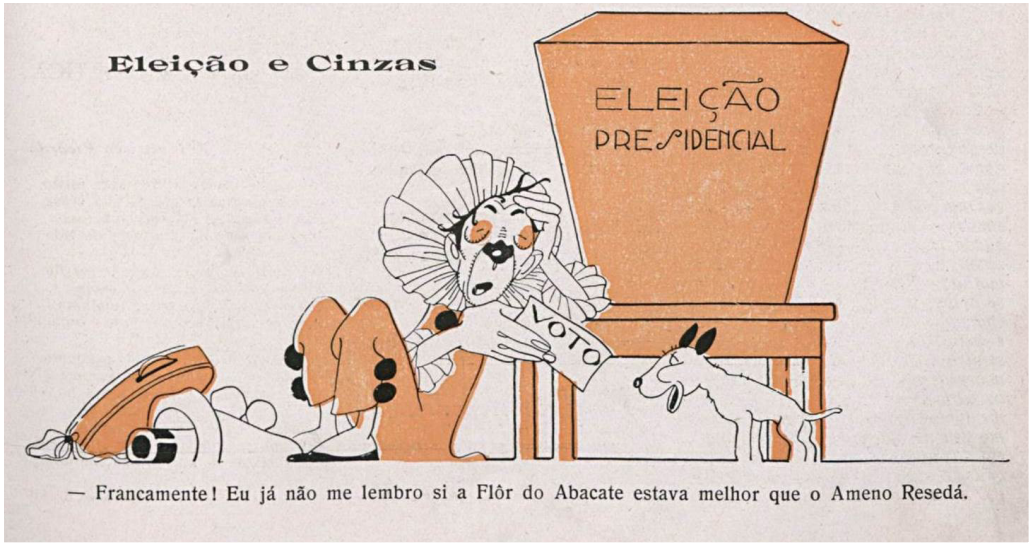
"Eu ia a pé lá da ladeira Santo Amaro
Até a Rua do Catete
No sobrado onde você residia
E te levava pra um passeio em Paquetá
Onde nasceu num piquenique
O nosso rancho, o Ameno Resedá
Verde, grená e amarelo, nossas cores
Resedá, vocês são flores como flor
Era a Papoula do Japão
Sua rival saiu no Flor do Abacate
De destaque no enredo da Rainha de Sabá"

(Trecho do choro "Santo Amaro", letra de Aldir Blanc para melodia de Luiz Carlos Ramos e Franklin da Flauta)

A grande inovação do Ameno Resedá para o carnaval carioca foi sua organização como "rancho-escola", com desfiles concebidos a partir de enredos operísticos, resultando num "teatro lírico ambulante". Essa conciliação entre a cultura popular e os elementos da chamada alta cultura dava legitimidade aos ranchos num contexto em que o poder público buscava "civilizar" a sociedade, reprimindo manifestações culturais que lembrassem as origens africanas e indígenas do povo brasileiro. Cordões e ranchos tinham que pedir autorização à polícia para poderem desfilar. Ainda assim, foram espaços importantes de protagonismo negro e popular no carnaval carioca que - já naquela época - sofria tentativas de elitização como as afrancesadas "Batalhas das Flores" promovidas pela prefeitura em 1906.

Os ranchos competiam entre si em concursos promovidos pelos jornais da cidade, dos quais o Ameno Resedá foi um dos maiores campeões. Com o desenvolvimento das escolas de samba a partir da década de 1920, os ranchos foram perdendo espaço no carnaval carioca, desfilando com cada vez menos recursos até desaparecerem por completo. Hoje em dia, porém, a tradição carnavalesca da região ainda resiste por meio de blocos populares como o Balança Meu Catete, o Arteiros da Glória, o Cartola é do Catete e o Largo do Machado Mas Não do Copo.

Os dois ranchos mais famosos do Catete foram eternizados em músicas que são verdadeiros clássicos do choro: a polca "Ameno Resedá", de autoria do pianista Ernesto Nazareth, lançada em 1913; e "Flor do Abacate", polca composta em 1915 pelo trombonista e diretor musical do rancho, Álvaro Sandim. Ambas foram regravadas diversas vezes desde então, por artistas como Jacob do Bandolim e Altamiro Carrilho. Décadas mais tarde, os compositores Luiz Carlos Ramos, Franklin da Flauta e Aldir Blanc homenagearam a memória dos carnavais do Catete e da Glória com o belo choro "Santo Amaro". ■



Na Primeira República (1889-1930), as eleições presidenciais eram realizadas no mês de março, logo após o carnaval. E a escolha do melhor rancho do carnaval era feita por votação popular, nos concursos dos jornais cariocas. Daí a confusão do eleitor, ainda não recuperado da folia, nesta charge de J. Carlos de 1922.
Fonte: Revista Careta. Biblioteca Nacional Digital.

Pesquisa e texto:
Paulo Celso Corrêa - Arquivo Histórico e Institucional do Museu da República

Bibliografia
DINIZ, André. "Almanaque do Carnaval. A história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir". Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
EFEGÊ, Jota. Ameno Resedá: o rancho que foi escola. Documentário do carnaval carioca. FUNARTE, Rio de Janeiro, 2009.
LOPES, Nei. "Enciclopédia brasileira da diáspora africana". Selo Negro, São Paulo, 2004.
THOMPSON, Daniela. A fantástica flor do abacate In "As crônicas bovinas, parte 9". 28 de maio de 2002. http://daniellathompson.com/Texts/Le_Boeuf/cron.pt.9.htm

Exposições Fevereiro

‘A Pátria’, 100 Anos

O icônico quadro “A Pátria”, de Pedro Bruno, completa 100 anos em 2019 e uma exposição celebra seu centenário buscando exibir a obra em detalhes, o perfil do autor e o impacto da pintura no imaginário da República Brasileira.
Local: Palácio do Catete/1º andar
Horários: de terça a sexta-feira de 9h às 17h. Sábados, domingo e feriados de 11h às 18h

Palácio, Presidência e Museu

Inauguração da última etapa da exposição de longa duração “Palácio, Presidência, Museu”- abertura de salas que abordam a história do Palácio do Catete como Presidência da República e como Museu da República
Local: Palácio do Catete/1º andar
Horários: de terça a sexta-feira de 9h às 17h. Sábados, domingo e feriados de 11h às 18h

Meu Coração Bate Feliz: Seresta do Museu

A Seresta do Museu se realiza no jardim do Museu da República desde janeiro de 1991 e se tornou um patrimônio do museu. Criado e recriado por frequentadores da instituição, reúne pessoas diversas, para cantar, tocar e ouvir o rico cancioneiro popular brasileiro, com incursões na música romântica castelhana, portuguesa, francesa e italiana. Uma prática cultural comunitária vivenciada na instituição, criadora de narrativas memoriais. Esta exposição relembra as pessoas que fizeram a história dessa seresta, através de objetos que relembram suas trajetórias.
Local: Palácio do Catete/3º andar
Horários: de terça a sexta-feira de 9h às 17h. Sábados, domingo e feriados de 11h às 18h

“Jardim do Éden”, exposição de Patrizia D’Angello

Aberta em dezembro, na Galeria do Lago, a exposição apresenta 25 pinturas recentes e inéditas da artista, sob curadoria de Isabel Portella. O conceito da exposição é pensado a partir dos muitos banquetes realizados no Palácio do Catete, sede do Governo Federal entre 1896 e 1960 e que hoje abriga o Museu da República. “Numa narrativa bem humorada, mas repleta de sutis paralelos, a artista se debruça sobre os grandes temas da pintura figurativa, o retrato, a paisagem e a natureza morta. Em seus trabalhos, Patrizia procura discutir os limites do real, da mímesis e as implicações no mundo contemporâneo”, afirma a curadora Isabel Portella.
Para realizar a exposição, a artista mergulhou no acervo do Museu, em documentos relacionados ao tema, como uma bela coleção de convites e menus das muitas recepções ocorridas ali, bem como fotos, vasos, pratarias, sancas e mobiliário pertencentes ao Palácio do Catete, que aparecem nas obras mesclados a seu repertório poético.
Local: Galeria do Lago
Horários: de terça a sexta, das 10h às 17h. Sábados, domingos e feriados, das 11h às 18h.

Agenda do mês

Dia 8

Evento de autógrafos: "Travessias, poiesis do olhar"
A Editora DANDA e o Museu da República convidam para o evento de autógrafos do livro de Kátia Loureiro e Ricardo Loureiro
Local: Bistrô. Horário: 11h às 13h.

Dias 8 e 9

Curso: "Fotografia Sensorial: retrato e paisagem, corpo e cidade"
Ministrado por Thiago Ripper e Violeta Vilas Boas, o curso propõe abordar técnicas de fotografia documental, ampliando o potencial artístico do registro da realidade, de si mesmo e do outro.
Inscrições abertas pelo telefone (21) 987 39 79 76.

Dias 15 e 16

Junta Local
Feira que aproxima pequenos produtores do público, utilizando a gastronomia como ferramenta de transformação social e conscientização.
Local: Pátio Interno II. Horário: 10h às 18h.

Atividades regulares

Terça a domingo

Seresta no Museu da República
Evento interativo, participativo e aberto ao público, organizado há 20 anos pelos frequentadores do Museu.
Local: Pátio interno e Jardim. Horários: 17h30min às 20h (de terça a sexta-feira). De 15h às 20h (sábados e domingos)

Último domingo do mês

Feira de Fotos
Exposição de fotos de diversos profissionais do Rio de Janeiro.
Local: Aleia da Rua Silveira Martins. Horário: de 9h às 18h
Realização: Associação de Fotógrafos do Rio de Janeiro/Cilano Simões.

Sempre às segundas

Movimento consciente e dança de salão
As aulas associam a prática do bom movimento para a saúde e a experiência de dançar entre pares. Professoras: Maria Helena Versiani (Dança de Salão) e Sylvia Monnerat (Movimento Consciente). Instrutor: Marlon Flores.
Local: Espaço Educação. Horário: 17h30 às 19h30
Realização: Maria Helena Versiani e Sylvia Monnerat

Toda última terça

Sarau do Meio Dia
Música brasileira em formato pouco usual, (violão e piano) para visitantes do Museu da República, divulgando um repertório autêntico, expressivo e tecnicamente desafiador. Neste mês, apresentação de Fabíola Protzner (voz) e Igor Ryner (piano).
Local: Espaço Auditório. Horário: 12h às 13h
Realização: Luiza Aquino Salles

Toda segunda-feira

Ensaio do Coral do Museu da República. Interessados podem se inscrever nos dias das aulas.
Local: Auditório Apolônio de Carvalho. Horário: 16h

Na última quinta do mês

Cineclube Cinema e História Silvio Tendler.
Neste mês, "O desmonte do Monte", de Sinai Sganzerla.
Espaço Multimídia, 18:30.

Na última terça do mês

Jornadas Republicanas. Debates mensais com convidados.
Local: Auditório Apolônio de Carvalho. Horário: 18h30 a 20h30.

Acompanhe o Museu da República pelas redes sociais: Museu da República museudarepublica

MUSEU DA REPÚBLICA | Rua do Catete, 153, Rio de Janeiro
(21) 2127 0324 | mr.comunicacao@museus.gov.br
www.museudarepublica.museus.gov.br

MUSEU DA REPÚBLICA · sistema brasileiro de museus · instituto brasileiro de museus · MINISTÉRIO DO TURISMO · PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL